

RELIGIOSIDADE POPULAR: “A CRENÇA DO POVO É A CRENÇA EM DEUS¹” FOLK RELIGIOSITY: “FOLK’S BELIEF IS THE BELIEF IN GOD”

Alan Nickerson Alves²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar algumas reflexões acerca das formas de religião que se encontram dentro das camadas populares, para entender o porquê das pessoas procurarem este tipo de sistema religioso alternativo para as suas vidas, pois constata-se que este tipo de ocorrência se passa em todas as religiões. Em primeiro lugar será feito uma análise do que de fato vem a ser o fenômeno da religião, para que se possa diferenciá-lo da compreensão de religiosidade, visto que ambos apesar de caminharem paralelamente, não são vistos como sinônimos perante as pessoas que creem na existência de um universo mágico. Este trabalho baseou-se na concepção de que o ser humano além de ser um *Homo Sapiens* e um animal racional, também se deve ser caracterizado como um *Homo Religiosus* e um animal simbólico.

Palavras-chave: Homo Religiosus, Religiosidade Popular.

ABSTRACT

This paper aims to present some reflections about the forms of religion within lower classes, to understand why people seek this type of alternative religious system to their lives, because it appears that this kind of occurrence happens in all religions. First an analysis will be done of what actually happens respecting the phenomenon of religion so it can be differentiated from the understanding of religion, considering that both are parallels, but not seen as synonymous by those who believe in the existence of a magical universe. This work was based on the concept that the human being, besides being a *Homo Sapiens* and a rational animal, should also be characterized as a *Homo Religiosus* and a symbolic animal.

Keywords: Homo Religiosus, Folk Religiosity.

Introdução

Inicialmente, a primeira coisa que deve ser feita, para a discussão do tema “religião popular”, é procurar fazer uma separação entre os termos “religiosidade” e “religião”, mas antes disso, passemos ao termo “popular”, este já nos remete a ideia do que o próprio

¹Este artigo é fruto de um trabalho de aproveitamento realizado para a disciplina Religiões Populares, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Dilaine Soares Sampaio de França, durante o primeiro semestre de 2013, na Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

²Graduando em Ciências das Religiões – UFPB.

significado nos faz entender, como “algo feito pelo povo”, ou seja, em um primeiro momento passa-se a impressão de ser algo “bagunçado”, “sem limites”, o que não corresponde a realidade do que vem a ser o fenômeno religioso que é expressado pelo povo, ele deve ser entendido como sendo a forma encontrada pelas pessoas de criarem, pensarem e expressarem os seus próprios valores e crenças, com certa distância de “instituições oficiais”, que neste caso seria a Igreja, esta como uma dominação institucional, acaba trazendo consigo características que a fazem ser vista por grande parte das pessoas como “controladora”, “separadora”, a exemplo de suas ações, como a de padronizar ritos e sistematizar mitos, a presença da hierarquização dentro da mesma trouxe consequências, uma delas foi o desaparecimento do místico, do milagre e da magia, que acabaram voltando ao mundo nas religiões populares, ou seja, a criação dessas formas de religião, foram na verdade, uma prática autônoma das classes subalternas em relação as certezas do saber religioso sem necessidade de uma “mediação eclesiástica”.

O ser humano: *Um Homo Religiosus e um Animal Symbolicum*

È demasiado tarde para se procurar outra palavra a não ser religião para designar a *experiência do sagrado*² (ELIADE, 1992, p. 9), a religiosidade de um indivíduo é expressada por práticas de expressão sentimental do que está no interior do mesmo, em relação a algo que está “além dele”, esta esfera seria o “sagrado”, conforme a concepção de Mircea Eliade, algumas razões levam as pessoas a procurarem pela fração do sistema religioso, uma delas seria a interpretação e a explicação da sociedade que está contido na linguagem do mito, conforme as palavras desse famoso estudioso das formas de religião:

Basta dizer que o “sagrado” é um elemento da estrutura da consciência e não um estágio na história da consciência, o mundo deve ter um sentido para o homem, pois o mesmo não pode viver no “caos”, é provado que nos níveis mais arcaicos de cultura, viver como um ser humano é em si, um ato religioso, pois a alimentação, vida sexual e trabalho possuem um valor sacramental, por outras palavras, ser ou tornar-se um homem, significa ser religioso, a vida humana adquire sentido ao imitar modelos paradigmáticos revelados por seres sobrenaturais, a imitação desses modelos constitui uma das características primárias da “vida religiosa”, que é indiferente à cultura ou a época (ELIADE, 1969, p.10)

Nota-se a partir daí, que a organização de uma sociedade, seja ela qual for, passa por valores religiosos, a corrente sociológica então refere-se a religião como um “sistema de crenças”, algo mais a base de “regras”, na visão de Emile Durkheim a mesma seria uma projeção da experiência social, ele entende que o sagrado (ou Deus) e o grupo social são uma e mesma coisa, passando esta concepção acerca do fenômeno religioso para o campo da “religião popular”, pode-se compreender que as pessoas a buscarem essas formas de práticas do sagrado, estão na verdade procurando uma forma de se relacionarem umas com as outras, a dimensão do sagrado se torna apenas mais um espaço de trocas, poderia ser denominado de “Mercado Religioso”, ou seja, o que haveriam seriam trocas simbólicas que resultariam em uma unidade gerada pela diversidade, pois a mesma, é um dos elementos centrais na religião popular, pois esta se trata de uma produção de caráter anônimo e coletivo, que atrai vários perfis de religiosidades, pois é fato que “as religiões dizem mais ou menos as mesmas coisas, o que se sobra apenas é a variância de um modo social de imaginar o sagrado (BRANDÃO, 2007, p.467).

O que diferencia os homens dos animais é a mediação simbólica posta em prática como atividade do pensamento, afirma Cassirer, pois para o mesmo “um símbolo não tem existência real como parte do mundo físico, tem um sentido”, seria pois essa atribuição de sentido que caracterizaria toda e qualquer atividade humana, a religião popular seria apenas uma dessas formas simbólicas criadas pelas pessoas como expressão cultural, para dar-lhes sentido sobre o mundo a sua volta, já para Eliade seria a “consciência de um mundo real e com um sentido que estaria intimamente relacionada com a descoberta do sagrado”, ou seja, de acordo com esta concepção do ser humano, não podemos reduzi-lo apenas a sua dimensão racional, um indivíduo em sua totalidade não é 100% dessacralizado, pois o mesmo além de viver em um mundo histórico/natural, também vive num mundo existencial imaginário, conforme afirma Cassirer:

O conhecimento humano seria por sua própria natureza um conhecimento simbólico, a razão é um termo muito inadequado com o qual se compreende as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade. Mas todas essas formas são formas simbólicas. Logo, em vez de definir o homem como animal rationale, deve-se também defini-lo como animal symbolicum, ou seja, o homo symbolicus expressa a mediação das formas simbólicas na atribuição de sentidos, aonde o mesmo faz com que a realidade seja formulada e compreendida através da mediação do símbolo.(CASSIRER, 2005, p.50)

Ao entendermos o homem como um produtor de cultura, podemos afirmar que a religião seria uma linguagem que explicaria as atividades de produção e relações na sociedade, ou seja, seria uma sistematização de elementos simbólicos que constrói uma noção sobre o mundo, do ponto de vista material/social, ela como uma forma de linguagem dá nome as coisas, e chega a ser o explicador mais bem aceito pelas pessoas sobre o mundo em que elas vivem, a visão sociológica a classifica como uma ideologia, ela funcionaria como “um aparelho ideológico ditando valores e regras de modo de vida”, aonde a organização do universo religioso, neste sentido, estaria diretamente associada com a organização econômica, social e cultural dos seres humanos.

A compreensão histórica sobre a religião popular

Para a corrente histórica, há uma compreensão diferente a respeito da causa pela qual as pessoas procuram pela religião popular, não seria o fato de quererem uma explicação para o mundo a sua volta, a história entende que ao invés da divindade modelar o social, o homem é quem o faz, a religião seria apenas um aparelho ideológico para orienta-lo na instauração de uma sociedade, segundo Karl Marx, citado por Carlos Rodrigues Brandão, não podemos abolir no homem a sua consciência religiosa, pois é ela quem dá a condição de estabelecimento da consciência política do sujeito libertado (BRANDÃO, 2007, p. 469). O sagrado seria apenas mais uma das dimensões que o político ocupa na formação social do indivíduo, ou seja, ele obedece a interesses essencialmente terrenos de seus produtores sociais, o objetivo em buscar essas formas de religião seria a solução para as demandas do dia-a-dia, ao enxergar a manifestação do fenômeno religioso das camadas populares sob a ótica do marxismo, entendemos que a prática popular da religião, também podem ser interpretada como uma manifestação de oposição ao modelo social de dominância, havendo a possibilidade de embates entre domínios políticos opostos, também presentes dentro da religião, visto que a parcela da população que adota esse modo de expressar sua religiosidade, pode também através dela, elaborar suas formas de resistência e também usá-la como uma reação a perda de identidade social, ou seja, os seus praticantes conquistam um

reconhecimento por parte da “elite”, que também chega a ter participação dentro desses espaços, demonstrando que há uma valorização por parte da sociedade como um todo a este campo religioso, a universalidade presente no espaço da religião popular contribui para o fato de que pessoas também da classe mais elevada da sociedade participem, os símbolos do sagrado acabam por unir categorias diferentes, o campo religioso torna-se uma equação sacralizada de uma ordem social existente, para Eliade, isto pode ser interpretado da seguinte maneira:

Um fenômeno religioso não pode ser compreendido fora da sua “história”, isto é, fora dos seus contextos culturais e sócio- econômicos, pois um dado religioso “puro”, fora da história é coisa que não existe, pois não existe um dado humano que não seja ao mesmo tempo, um dado histórico, aonde toda experiência religiosa é expressa e transmitida num contexto histórico particular, porém ao afirmar que um dado religioso é sempre um dado histórico não significa que ele seja redutível a uma história não-religiosa, por exemplo, uma história econômica, social ou política (ELIADE, 1969, p.22).

Ao passarmos para o campo da “religião popular” entende-se que a mesma apresenta um caráter de não-historicidade, ou seja, há uma certa barreira para efetiva-la em termos de potência como um veículo transformador da sociedade, isso porque é nítido que a linguagem do mito é metafórica e também pelo fato do seu acontecimento estar situado num tempo a-histórico, no contexto da religiosidade popular, o que se faz é apenas uma nova atualização do mito, que reforça valores e sistemas do passado, não abre espaço para um processo de transformação de mundo, como é articulado nos processos históricos a respeito da sociedade, tanto o mito, como a história, inserem o homem dentro de um modelo de organização social.

Por último a “religião popular” pode ser definida em oposição a uma “religião erudita”, o primeiro embate característico entre essas formas de expressão do mundo religioso, seria o controle dos prodígios do sagrado, o “milagre” seria o primeiro elemento que faz da religião das massas populares serem distintas em relação a religião erudita, pois esta utiliza a igreja como mediadora entre a divindade e o homem, e assim destrói o modo popular de vivência da religião, pois submete o indivíduo a uma subordinação e a uma orientação de vida religiosa, embora a igreja seja aceita com um certo respeito, as pessoas das camadas populares, também acreditam que possuem as certezas do saber religioso, este campo pode ser exercido em relação de iguais entre os sujeitos, em essência, podemos tomar isto como uma forma de resistência do controle erudito sobre a religião, pois ao se olhar mais de perto, percebe-se que pode haver uma legitimação de modos definidos de poder para se sustentar uma ordem de dominância também no solo religioso, o que é combatido pelas classes subalternas, pois querem também a sua autonomia em relação as suas próprias formas de vivência do sagrado, para estes, seu sistema religioso é usado como um serviço para defesa de seus próprios domínios de cultura e de identidade dentro da sociedade de classes, um dos aspectos de transformação social que pode ser encontrado no âmbito da manifestação religiosa popular é o fato de haver participação comum no espaço de seus ritos religiosos(festas, procissões, romarias), o que pode contribuir para o estabelecimento de laços de igualdade entre classes, gerando vínculos horizontais.

Sincretismo *versus* Religiosidade popular

O sagrado se manifesta sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais (ELIADE, 1992, p.12), podemos então formar uma outra compreensão

acerca do fenômeno da religião popular, entendendo-a como uma forma de procura de um sagrado mais próximo a natureza, Eliade vai falar que:

[...] redescobrir o caráter sagrado da vida e da natureza não implica necessariamente um regresso ao paganismo ou a idolatria, muito embora aos olhos de um puritano a religião cósmica dos camponeses do sudeste da Europa pudesse ser considerada uma forma de paganismo, ela não deixava de ser uma “liturgia cristã e cósmica” (ELIADE, 1969, p.12).

[...] para o homem moderno há um certo preconceito perante algumas formas de manifestação do sagrado, sendo difícil para o mesmo aceitar que este possa se manifestar em pedras ou árvores, por exemplo, uma pedra ou árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas sim porque se tratam de hierofanias, revelam algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas continuam sendo uma pedra e uma árvore (assim como as outras), mas para aqueles a cujos olhos uma pedra ou uma árvore se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural, em outras palavras, para aqueles que tem uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica, o cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma manifestação do sagrado (ELIADE, 1992, p.13).

A questão da idolatria foi um traço característico durante o tempo da iconoclastia, período em que foram afastadas todas as concepções de manifestação divina através de algum objeto, mas a partir do momento em que as pessoas passaram a elaborar suas próprias concepções acerca do sagrado, as religiões populares acabam resgatando esse tipo de crença para o seu universo mágico-religioso, pois para o povo, a presença do divino pode ser representada por um objeto, não sendo este o venerado, mas sim o sagrado que se manifesta através dele, no caso do catolicismo popular, isso é realizado através das imagens sacras de algum santo, a crença é de que existe a presença real do santo em sua imagem, fazer petições diante da mesma seria como estar pedido ao próprio santo em pessoa, passando para o lado do pentecostalismo, a “rosa consagrada” representaria no caso o próprio Jesus, pois o mesmo se autodeclara na bíblia como “a rosa de Saron”, ao levar um rosa dessas que é consagrada pelo pastor para dentro de sua casa, a pessoa crê de fato que Jesus estará presente dentro de seu lar, o objetivo tanto no primeiro quanto no segundo caso, seria a procura por um “milagre”, este se caracteriza como sendo principal veículo de manutenção das crenças religiosas nas camadas populares, e na concepção de Carlos Brandão, o milagre popular é a “mostra de feitos simples de trocas de fidelidade mutua entre o sujeito e a divindade, não sendo a quebra, mas sim a retomada da ordem natural das coisas”, a religião popular para ele teria a função de reelaborar o saber sagrado em um trabalho de reconquista simbólica com o objetivo de popularizar a hierofania.

É preciso também levar em conta a ideia de “inconsciente coletivo” de Carl Gustav Jung, para a compreensão das manifestações simbólicas que povoam as religiões populares, pois é detectado que ao longo da história humana no campo existencial religioso, a ocorrência de apropriação de bens simbólicos é um fato muito comum, presente em toda e qualquer religião, pois como se sabe, não há uma religião dita “pura”, cada uma das religiões possuem seus símbolos, seus ritos, e suas próprias interpretações para cada um deles, Mircea Eliade vai declarar o seguinte a respeito da teoria jungiana:

Foram principalmente as impressionantes semelhanças entre os mitos, símbolos e figuras mitológicas de povos de civilizações muito apartadas que obrigaram Jung a postular a existência de um inconsciente coletivo, baseado na crença de que em toda a civilização o homem trabalha através daquilo que ele denominou de

processo de individuação, no sentido da realização do eu, aonde percebe-se que o conteúdo deste inconsciente coletivo expressado através da experiência religiosa tem um sentido e um objetivo e, conseqüentemente, que não deve ser menosprezado explicando-o através do reducionismo(ELIADE, 1969, p.37)

Com a ocorrência desta popularização da hierofania, as várias formas de manifestação do sagrado nas religiões populares passaram a serem compreendidas sob uma ótica reducionista, que qualificou essas formas de expressões religiosas como um sincretismo, esta concepção acabou sendo utilizada muitas vezes para explicar as semelhanças existentes entre os rituais que existem dentro do universo da religiosidade popular, pois é detectada a evidência de uma semelhança entre conteúdos do sagrado, porém a fusão de praticas religiosas deve ser melhor entendida como uma forma de apropriação, recriação e reinterpretção de símbolos e ritos, pois é visto que no decorrer da historia humana ao longo do tempo, as tradições são constantemente reinventadas, outro conceito para a “religião popular” seria identifica-la como um “transito religioso”, ou seja, um espaço aonde “existem encruzilhadas”, e que estas acabam formando “um ponto de encontro”, a ideia de fraternidade pode ser fator determinante para que as diferenças das práticas religiosas se apaguem, pois é visto que no nosso solo brasileiro não é possível identificar praticas religiosas que sejam “exclusivamente” cristãs, africanas ou indígenas, o brasil é caracterizado por ser um país marcado pelo sincretismo religioso desde o seu “descobrimento”, isso acontece porque o homem é um ser compulsivamente simbólico (CASSIRER, p.69, 2000), ou seja, todas as suas atividades implicam um simbolismo, a religião popular seria então um cenário deste “jogo simbólico”, o próprio Eliade diz que “o fenômeno religioso é um desesperado esforço para descobrir o fundamento das coisas, a realidade ultima, aonde por trás de cada ato religioso e de cada objeto de culto estão o desejo e a pretensão humanas de transcender o tempo e a historia”, o simbolismo religioso se classificaria como uma forma de experiência da realidade, essa ideia se dá pelo fato de que os objetos da realidade são interpretados como hierofanias, ao trazer esta compreensão para a religiosidade popular podemos dizer que em seu espaço acontece um “encontro de corpos”, neste intercruzamento que se dá na própria corporeidade, haveria uma sincronia entre religiões diferentes, resultando numa religiosidade que seria comum a todos.

Considerações Finais

Como diz aquele velho ditado que “a voz do povo é a voz de Deus”, penso que no caso da religião popular seria conveniente afirmar que “a crença do povo é a crença em Deus”, ou seja, cada grupo religioso possui a sua própria forma de busca e de compreensão acerca do mundo divino, mas apesar de serem grupos distintos, detecto que vários credos e ritos existentes são no fundo “armas apontadas para o mesmo alvo”, o “trânsito religioso” dentro das manifestações populares se configuraria como “ruas e avenidas simbólicas que se cruzam”, a razão pela qual as pessoas que procuram esse tipo de sistema religioso alternativo seria a proteção e a ajuda que encontram para os problemas cotidianos, não há “diferença” no que diz respeito aos “objetivos específicos” da busca pelo sagrado existente nas religiões afro-brasileiras/catolicismo popular/pentecostalismo, todas essas formas de religiosidades visam “um mesmo ponto de chegada”, o encontro com Deus(sagrado), a sociologia afirma que o ser humano se caracteriza como um ser social, e que “individuo sem sociedade e sociedade sem individuo são conceitos abstratos que na prática não existem isoladamente”, entendo dessa maneira, que a religião popular por ter como característica principal, serem

“práticas coletivas e nunca individuais” faz dela “um espaço de socialização religiosa”, característica que não é presente na igreja, pois a mesa é uma organização institucional, e como tal, acaba instituindo leis, normas e regras que disciplinam a vida moral, o culto e a própria vida social dos seus adeptos, essa burocracia religiosa acaba se tornando sufocante para as classes subalternas, que entendem que a regra paralisa a vivência da experiência religiosa, a forma popular de religiosidade seria um meio que os mesmos desenvolveram para tornar essa vivência “acessível a todos” .

Referências

- ABREU, Marta. **Religiosidade popular**: problemas e história. In: LIMA, Lana Lage et all. *História e religião*: VIII Encontro regional de história núcleo RJ. Rio de Janeiro: FAPERJ Mauad, 2002
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU, 2007
- ELIADE, Mircea. **Origens**: História e Sentido na Religião. Lisboa: Edições 70, 1969.
- _____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- FERREIRA-SANTOS, Marcos & ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao Imaginário**: Bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.
- MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo**: A dimensão simbólica da religião. São Paulo: Paulinas, 2006
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007, pp.67-78.